

MAIS EVIDÊNCIAS PARA A HIPÓTESE DE LOUKOTKA (1963, 1968)

MORE EVIDENCES TO LOUKOTKA'S HYPOTHESIS (1963, 1968)

Gabriel Barros Viana de Oliveira
Universidade de Brasília, UNB, Brasília, DF, Brasil
Laboratório de Línguas Indígenas, LALI/Universidade de Brasília

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral
Universidade de Brasília, UNB, Brasília, Brasil

Em memória de Aryon Dall'Igna Rodrigues

Resumo: Este artigo reúne evidências adicionais para a hipótese de Loukotka (1963; 1968) de relacionamento genético entre as línguas Djeoromixí, Arikapú e Maxubí. Apresenta uma comparação entre o Maxubí (RIVET, 1953), o Djeoromixí (M. RIBEIRO, 2008; CABRAL; OLIVEIRA, dados de campo) e o Arikapú (R. RIBEIRO, 2008; VAN DER VOORT et al., 2010), embasado no Método Histórico-Comparativo (ANTTILA, 1972; CAMPBELL, 2013; KAUFMAN, 1990). Mostra que o Maxubí é uma terceira língua da família Jabutí, não sendo, pois, Arikapú, como proposto por Caspar (1955) e van der Voort (2012). Por fim, esboça-se uma representação arbórea da família Jabutí.

Palavras-chave: Maxubí; Família Jabutí; Método Histórico-Comparativo.

Abstract: This paper reunites evidences for the hypothesis of genetic relationship among the Djeoromixí, Arikapú, and Maxubí languages proposed by Loukotka (1963, 1968). It presents a comparison between Maxubí (RIVET, 1953), Djeoromixí (M. RIBEIRO, 2008; CABRAL; OLIVEIRA, fieldwork data), and Arikapú (R. RIBEIRO, 2008; VAN DER VOORT et al., 2010), following the Historical-Comparative Method (ANTTILA, 1972; CAMPBELL, 2013; KAUFMAN, 1990). It shows, by means of lexical and phonological evidences, that Maxubí is a third language of the Jabutí family, closer to Arikapú than Djeoromixí. At last, it draws a genealogical tree of the Jabutí family.

Keywords: Maxubí; Jabutí family; Historical-Comparative Method.

Introdução¹

A família Jabutí, cujas línguas constituintes são o Djeoromixí, o Arikapú e o Maxubí, é uma pequena família linguística do sul de Rondônia. Sua afiliação com outros agrupamentos genéticos é tema de interesse entre

¹ Agradecemos a Sanderson Castro S. de Oliveira a leitura crítica de uma versão prévia deste trabalho. Quaisquer erros, entretanto, são de nossa exclusiva responsabilidade.

os linguistas históricos dedicados às línguas indígenas da América do Sul. Rodrigues (1999) e Kaufman (1990; 1994) não incluem a família Jabutí no tronco Macro-Jê, enquanto que Greenberg (1987), E. Ribeiro (2006) e van der Voort e E. Ribeiro (2010) consideram essa família geneticamente relacionada ao tronco Macro-Jê. Os falantes da língua Jabutí localizam-se na Terra Indígena Rio Branco e na Terra Indígena Rio Guaporé, estado de Rondônia. As duas línguas sobreviventes, Djeromitxí e Arikapú, encontram-se bastante ameaçadas, tendo o Djeromitxí menos de 20 falantes fluentes e o Arikapú apenas uma última falante, que não tem transmitido a sua língua nativa. A terceira língua, Maxubí, que é foco do presente estudo, já foi extinta, provavelmente em meados da década de 1920.

Uma das questões que tem intrigado os estudiosos da família Jabutí é o estatuto do povo/da língua Maxubí. Esses índios foram contatados em 1914 por Percy H. Fawcett, um coronel inglês contratado pelo governo da Bolívia, durante a década de 20 do século passado, para explorar a fronteira brasileira-boliviana (FAWCETT, 1915). Fawcett (1915; 1953) nos relata como se deu esse contato. Após vagar por três semanas dentro de mata fechada, ele se depara com os Maxubí, um grupo de índios isolados que nunca haviam visto um homem branco, os quais habitavam a margem direita do Rio Guaporé. Fawcett e seus companheiros ficam um breve tempo com os Maxubí, com os quais puderam aprender aspectos de sua cosmovisão, organização social, cultura material e espiritual, inclusive, puderam presenciar uma cerimônia mortuária e um ritual de pajelança. Depois de a comitiva de Fawcett partir, os Maxubí nunca mais foram vistos por ocidentais; portanto, os registros feitos por Fawcett são os únicos registros desse povo. Tais registros constituem-se de: a) breves notas etnográficas; b) algumas fotos; e c) uma pequena lista de palavras. Essa lista só viria à luz para a comunidade científica em 1953, por iniciativa do antropólogo francês Paul Rivet (RIVET, 1953). Esse autor teve acesso à lista do Maxubí por intermédio do antropólogo sueco Baron E. Nordenskiöld, que, por sua vez, teve acesso à lista por meio do próprio Fawcett, durante sua estadia em Rondônia (1913-1914) (NORDENSKIÖLD, 1915).

O primeiro cientista a trabalhar com a língua Maxubí foi Paul Rivet, que a classifica como uma língua isolada (RIVET, 1924). Essa classificação se repete em seu trabalho de 1953 (RIVET, 1953), em que se tem, pela primeira vez disponibilizada para a comunidade científica, a lista de palavras do Maxubí coletada por Fawcett. Nesse trabalho, o antropólogo francês compara o Maxubí com as línguas da família Chibcha, encontrando similaridades entre elas, o que atribui a contato linguístico e não à herança genética.

O segundo cientista a trabalhar com a língua Maxubí foi o linguista checo Chestmir Loukotka (1942, 1950), que, assim como Rivet (1924), classifica o Maxubí como uma língua isolada. Contudo, tal classificação não se repete em Loukotka (1963; 1968), que, tendo agora em mãos dados das línguas Djeoromitxí e Arikapú², classifica o Maxubí como uma terceira língua da então chamada família Jabutí. Essa classificação foi seguida por diversos linguistas históricos de referência que trabalharam com classificação genética de línguas indígenas sul-americanas (A. TOVAR, C. TOVAR, 1984; CAMPBELL, 1997; DIXON, AIKHENVALD, 1999; KAUFMAN, 1990, 1994).

Em 1955, o antropólogo suíço Franz Caspar apresenta uma hipótese sobre o possível estatuto do povo Maxubí (CASPAR, 1955). Segundo este autor, o povo dito Maxubí seria, na verdade, Arikapú, sendo consequentemente falante da língua Arikapú. Caspar faz uma comparação lexical entre os dados do Maxubí, publicados por Rivet (1953), e os dados do Arikapú, coletados por Snethlage (1934). Sua escolha de realizar uma comparação meramente lexical deve-se à escassez de dados etnográficos disponíveis sobre os Maxubí e sobre os demais índios da região sul de Rondônia. Sua comparação não segue os procedimentos do Método Histórico-Comparativo. Trata-se de uma comparação mais do tipo *look-alike*. Caspar identifica, nos 99 morfemas lexicais que constituem a lista do Maxubí, conforme publicada por Rivet (1953), 39 formas que correspondentes aos fonemas Arikapú, mas não apresenta as correspondências fonológicas encontradas. Dos 39 formas, 24 seriam homomorfás a palavras Arikapú.

A hipótese de Caspar (1955) tem sido seguida pelo linguista Hein van der Voort (2012), que reuniu dados de primeira mão das línguas Jabutí e realizou uma comparação lexical entre o Arikapú, o Djeoromitxí e o Maxubí. A sua conclusão é a de que a língua Maxubí é, de fato, a língua Arikapú. Contudo, van der Voort, seguindo Caspar (1955), atém-se a uma comparação lexical mais do tipo *look-alike*.

No presente estudo, apresentamos os resultados de uma comparação fonológico-lexical entre o Maxubí (RIVET, 1953), o Arikapú (R. RIBEIRO, 2008; VAN DER VOORT et al., 2010) e o Djeoromitxí (M. RIBEIRO, 2008; CABRAL; OLIVEIRA, dados de campo). As provas reunidas foram frutos da pesquisa e análise embasadas nos procedimentos metodológicos do único método capaz de estabelecer relações genéticas entre línguas: o Método Histórico-Comparativo (ANTTILA, 1972; CAMPBELL, 2013; KAUFMAN, 1990). Os resultados deste estudo favorecem a hipótese de

² Não há informação sobre de quem forneceu os dados do Djeoromitxí e do Arikapú a Loukotka.

Loukotka (1963; 1968), segundo a qual o Maxubí seria o terceiro membro da família Jabutí, e desfavorecem, conseqüentemente, a hipótese de Caspar (1955) e van der Voort (2012), na qual a língua Maxubí é a língua Arikapú, sendo a família Jabutí constituída deste modo apenas por dois membros – Djeoromixí e Arikapú.

Demonstramos, *volens nolens*, fundados no Método Histórico-Comparativo, que o Maxubí é uma terceira língua da família Jabutí. Obervamos que Loukotka (1963; 1968), mesmo tendo em mãos pouquíssimos dados das línguas Jabutí e nunca tendo feito trabalho de campo com seus falantes nativos, conseguiu propor uma hipótese de relacionamento genético que, à luz de novos dados e de novos estudos, se prova verdadeira.

O trabalho encontra-se dividido em quatro seções. Na seção 1, apresentamos a lista de palavras do Maxubí (RIVET, 1953), acrescida de dois morfemas lexicais do manuscrito de Paris (VAN DER VOORT, 2012). Focalizamos os morfemas cognatos compartilhados por Maxubí, Arikapú e Djeoromitxi, com vistas a apresentar evidências lexicais para a inclusão do Maxubí como uma terceira língua da família Jabutí, bastante diferenciada a nível lexical em relação às demais línguas desta unidade genética, contudo mais próximo do Arikapú do que do Djeoromitxi. Na seção 2, mostramos as correspondências sonoras encontradas no conjunto de cognatos que conseguimos reunir, com vistas a validar as prováveis etimologias que apresentamos na seção anterior e a ressaltar, agora por meio de evidências fonológicas, que o Maxubí é uma terceira língua da família Jabutí e que, de fato, não é Arikapú. Na seção 3, esboçamos um modelo arbóreo para a família Jabutí. Na seção 4, finalizamos com algumas conclusões acerca do estatuto da língua Maxubí e da constituição interna da família Jabutí.

1 Um outro olhar sobre a lista de palavras do Maxubí

Apresentamos, a seguir (subseção 1.1), a lista de palavras do Maxubí de Rivet (1953), com uma modificação na ordem de apresentação dos morfemas lexicais da versão original. Incluímos também dois morfemas adicionais *karawa* ‘faca’ e *chinipiká* ‘joelho’, que, embora não apareçam na lista publicada por Rivet, aparecem no manuscrito anônimo da lista de palavras do Maxubí, o qual se encontra no *Muséum national d’Histoire naturelle*, em Paris (VAN DER VOORT, 2012, p. 4)³. A organização da

³ Neste trabalho, Van der Voort, após um intenso trabalho filológico, descobre a existência de dois manuscritos da lista do Maxubí coletada por Fawcett: a) uma cópia datilografada que

lista é a seguinte: a) na primeira coluna da tabela, temos a numeração dos morfemas lexicais; b) na segunda, temos as glosas em Português; c) na terceira, temos as formas Maxubí dos morfemas; e d) na quarta, temos as formas Arikapú e Djeoromitxí extraídas respectivamente de R. Ribeiro (2008), Van der Voort et al. (2010), M. Ribeiro (2008), Cabral, Oliveira (dados de campo). Adotamos essa disposição da lista, em forma de tabela, com as formas comparáveis nas outras línguas Jabutí ao lado, para melhor facilitar a comparação entre os morfemas Maxubí e Arikapú e Djeoromitxí.

Na subseção 1.2, mostramos alguns morfemas lexicais que excluímos da comparação por se apresentarem problemáticos, ou porque seu significado é tão impreciso que não conseguimos encontrar uma forma comparável nas demais línguas Jabutí, ou, ainda, porque nós não sabemos de fato o que a sua glosa quer dizer. Na subseção 1.3, apresentamos um conjunto de prováveis cognatos compartilhados apenas pelo Maxubí e o Arikapú. Essas etimologias, além de constituírem evidências lexicais para a inclusão do Maxubí como uma terceira língua da família Jabutí, sugerem uma maior proximidade genética entre o Maxubí e o Arikapú do que entre o Maxubí e o Djeoromitxí. Na subseção 1.4, apresentamos propostas de etimologias que constituem evidências lexicais adicionais em favor da inclusão do Maxubí na família Jabutí, como membro independente. Na subseção 1.5, apresentamos formas Maxubí não cognatas com as demais línguas da família, as quais ilustram como o Maxubí é diferente das demais línguas Jabutí no nível lexical, inclusive apresentando alguns empréstimos Tupí-Mondé no seu vocabulário básico. Finalmente, na subseção 1.6, apresentamos uma síntese das evidências lexicais reunidas em favor da hipótese de que o Maxubí é uma língua independente da família Jabutí.

se encontra no Museu Britânico, em Londres, e que se acredita ter sido feita pela esposa de Fawcett; b) uma cópia manuscrita que se encontra no Muséum national d'Histoire naturelle, em Paris, e que pertencia a Paul Rivet. Acreditamos na fidedignidade do trabalho filológico de Van der Voort (2012), apesar de discordarmos do resultado de sua comparação linguística. Por isso, resolvemos incluir estes dois morfemas lexicais que julgamos poderem ser úteis para o presente trabalho. O morfema *karawá* 'faca', embora apareça na lista do Maxubí publicada por Rivet (1953), mas com o significado 'machado', nós decidimos mantê-lo como uma nova entrada na lista aqui apresentada, em vez de apenas inserirmos o novo significado 'faca' na entrada em que ele já aparece (39), com vistas a ressaltar que este significado não ocorre na lista originalmente publicada por Rivet (idem), apenas no manuscrito de Paris.

1.1 Lista de palavras do Maxubí

Abreviações:

Max = Maxubí (RIVET, 1953)

A1 = Arikapú (R. RIBEIRO, 2008)

A2 = Arikapú (Van der VOORT et al., 2010)

D1 = Djeoromitxí (M. RIBEIRO, 2008)

D2 = Djeoromitxí (CABRAL ; OLIVEIRA, dados de campo)

Tabela 01 – Lista de palavras do Maxubí

1.	‘nome’	Max <abikoka>	A1 /tatʃi/, A2 /tatʃi/ ‘chamar, nome’; D1 /tõhi/, D2 [tõ’hi]
2.	‘quente’	Max <aikũ>	A1 /kə/, A2 /kə/; D1 /hæterə/ ‘quente’
3.	‘olho’	Max <akarí>	A1 /hëkare/, A2 /hákarε/; D1 /hõka/, D2 [hõ’ka]
4.	‘muito’	Max <’tä, añi>	
5.	‘matado’	Max <aripamú>	A1 /kaməʃji/ ‘corpo do morto, cadáver, defunto, finado, morrer’, /kõ’də/ ‘flechar, matar, atingir’, /tëmrë/ ‘matar’, /pi/ ‘morrer’; A2 /konə/ ‘matar, atirar, flechar’, /tõmrõ/ ‘matar a pancada, bater’, /kaməʃji/ ‘morto’; D1 /hi/ ‘matar’, /tõ’mi/ ‘matar batendo’, /hãhi/ ‘morrer’, D2 [tõ’nñi] ‘matar com a borduna, bater’, [ha’hi] ‘morrer’
6.	‘peru’	Max <arũ>	
7.	‘chicha’	Max <averú>	A1 /tʃuerə/, A2 /tʃuerə/; D1 /hibzi/, D2 [hi’bzi]
8.	‘comer da comida’	Max <čibikoko>	A1 /ko/ ‘comer’, A2 /ku/ ‘comer, morder, mastigar, cheirar, tomar’; D1 /ko/, /po/ ‘comer’, D2 [ko] ‘comer’

9.	‘lábio’	Max <či-káti>	A1 / ⁿ duku/ ‘lábios’, A2 /nuku/ ‘boca e lábios’, /tʃokə/ ‘lábios, cuspe’; D1 /høkə/ ‘lábio inferior’, /hø ⁿ okoka/ ‘lábio superior’, D2 [rø ^k hə] ‘lábios’
10.	‘campo cultivado’ (roça?)	Max <čiči>	A1 /ʔuruku/ ‘roça. capoeira’, A2 /kukue/ ‘roça não queimada, feita no período chuvoso para plantar milho para mingau’, /mãrĩko/ ‘milho, roça nova’, /uruku/ ‘roça’; D1 /uruku/ ‘roça’, D2 [dʒewe ^t ʃa ʔuru ^k h ^u] ‘minha roça’
11.	‘carrapato’	Max <čičika>	A1 /tʃitʃika/, A2 /tʃitʃika/; D1 /tʃitʃika/, D2 [tʃitʃi ^k a]
12.	‘sututu (?)’	Max <či-kambũ>, <menga>	
13.	‘morder’	Max <čikóko>	A1 /koko/, A2 /kuku/ ‘morder, ferir’, /ku/ ‘morder, mastigar, comer’; D1 /βekə/, D2 [βe ^k hə]
14.	‘filho’	Max <či-kombre>	A1 /kraj/ ‘filho’, /tʃokə/ ‘filho (chamado pelo pai)’, /wikokə/ ‘filho (usado somente para o sexo masculino)’, A2 /kraj/ ‘filho, filha, filhote, criança’, /onəkraj/ ‘menino, filho’, /tʃoko/ ‘filho’, /wikoko/ ‘filho’, /itəj/ ‘filhos dos primos’; D1 /tə/ ‘filho’, /βikøkə/ ‘filho’, /təkabu/ ‘filho mais novo’, /təpubziro/ ‘filho mais velho’, /təpore/ ‘primeiro filho’, /təiti/ ‘último filho’, D2 [t ^h ə]
15.	‘panela’	Max <čimbíbi>	A1 /ʔoa/, A2 /ua/; D1 /oa/
16.	‘cabeça’	Max <či-mé>	A1 /kəɬ/, A2 /kaj/; D1 /kðvka/, D2 [kuã ^h ka]
17.	‘anta’	Max <čimoré>	A1 /nðwð/, A2 /nðwə/; D1 /hðv/, /hðə/, D2 [ho ^h ʔã]

18.	‘braço’	Max <či-niká>	A1 /tʃapa/, A2 /tʃapa/; D1 /ħapa/, D2 [ʔara'pa hi] ‘pêlo do braço’
19.	‘mão’	Max <či-nika-imũ>	A1 /nikã/, A2 /nĩkaj/ ‘mão, dedo’; D1 /nĩhu/, D2 [nĩ'hu]
20.	‘mulher’	Max <či-ninika>	A1 /pakœ/ ‘fêmea’, / ^m brã/ ‘mulherzinha’, / ⁿ du ⁿ duka/ ‘mulher (após a menstruação, adulta)’, A2 /pakuε/; D1 /pako/, D2 [pa'ko]
21.	‘orelha’	Max <či-nipuré>	A1 /nipuarɔ/ ‘orelha’, A2 /nĩpurε/ ‘brinco, orelha’, /nĩpwaro/; D1 /nĩpi/, D2 [nĩ ^m pi] ‘orelha’, [nĩ ^m pi'k ^h ø] ‘ouvido’
22.	‘ornamento das orelhas’	Max <či-nipurí>	A1 /nipurε/ ‘brinco’, A2 /nĩpurε/ ‘brinco, orelha’, /konika/ ‘brinco (tipo grande redondo)’, /nĩpũã/, /nĩpiku/; /nĩpirikanĩkaol/ ‘brinco (tipo grande)’; D1 /tɔ ³ nɔ/, D2 [tɔ'nɔ]
23.	‘caminho’	Max <čivi>, <vihi>	A1 /wi/ ‘caminho, linha’, A2 /w/; D1 /βikø/ ‘estrada’, /βi/ ‘vereda’, D2 [wi'kø]
24.	‘Dioscorea (inhame)’	Max <čorimũ>	A2 /mu/
25.	‘contas’	Max <komba>	A2 /kraħĩrĩó/ ‘miçangas, contas miúdas, minúsculas’, /kra prəjtʃi/ ‘um tipo maior de contas’
26.	‘cacau’	Max <kumbrí> ‘arachide’	A1 /ʔapãratʃi/ ‘cacau-manso’, A2 /apĩratʃi/ ‘cacau-do-mato’; D1 /bzietʃε/
27.	‘comer cacau!’	Max <kumbri-ko>	A1 /ʔapãratʃi/ ‘cacau-manso’, /ko/ ‘comer’, A2 /apĩratʃi/ ‘cacau-do-mato’, /ku/ ‘comer’; D1 /bzietʃε/ ‘cacau’, /ko/ ‘comer’, D2 [ko] ‘comer’

28.	‘porco’	Max <enatón>	A1 /koritʃi/ ‘porco’, /koritʃi ^m brɔ/, /koritʃi niwɔ/, A2 /kuritʃi/ ‘queixada’; D1 /paʃe/ ‘porco-caititu’, /paʃeriorø/ ‘porco-doméstico’, /paʃeri/ ‘porco-queixada’
29.	‘banana’	Max <erawače>	A1 /rawatʃi/ ‘banana (termo genérico)’, /rawatʃi tʃu rukrɛ/ ‘banana comprida’, /rawatʃi mɛũ/ ‘banana branca’, A2 /rawatʃi/; D1 /hðɛtʃitə/ ‘banana (termo genérico)’, /bakɛø/ ‘banana-branca’, /hðɛtʃitəkəndʒø/ ‘banana-branca’, /hðɛtʃitəkuritʃi/ ‘banana-comprida’, /hðari/ ‘banana-domato’
30.	‘flauta’	Max <erikóča>	A2 /məpə/ ‘flauta’, /məpəkraj/ ‘flauta curta’, /məpərehðtʃi/ ‘flauta longa’, /məpəritio/ ‘flauta furada’, /mɪkraj məpə/ ‘flauta de Pá’, /turiru/ ‘flauta de quatro furos’; D1 /opə/, D2 [ʔo'pə]
31.	‘casa’	Max <erikoná>	A1 /rɛkə/, A2 /rɛkə/; D1 /hikøka/, D2 [hikø'ka]
32.	‘moscas’	Max <huainoho>	A1 /ndððtʃi/ ‘mosca cabeça-branca’, /patʃi/ ‘carapaná, pernilongo’, /patʃi mɛũ/ ‘mosquito pequeno’, /patʃiɔ mɛũ ‘tatuquirá’, A2 /kutʃio/ ‘mosca-das-frutas’, /wɛrəmrɔj/ ‘mosca grande’, /patʃi/; D1 /kuʃe'nĩ/, D2 [pa'tʃi ra'ri] ‘asa de carapaná (tipo de mosquito)’
33.	‘comer’	Max <iko>	A1 /ko/, A1 /ku/; D1 /ko/, D2 [ko]
34.	‘facão de chonta’	Max <ipá>	
35.	‘milho’	Max <iti>, <kokoví>	A1 /tʃitʃi/, A2 /tʃitʃi/; D1 /tʃitʃi/, D2 [tʃi'tʃi]

36.	‘água’	Max <iū>	A1 /i/ ‘líquido’, A2 /i/; D1 /i/ ‘líquido’, D2 [ʔi], [bʔiruʔi]
37.	‘braceletes de borracha do pulso e do joelho’	Max <kapa>	A1 /tʃapati/ ‘bracelete’, /nikati/ ‘pulseira de algodão’, /nikakə/ ‘pulseira de castanha’, A2 /nīkati/ ‘pulseira da parte superior do braço ou do pulso’, /tʃapati/ ‘pulseira na parte superior do braço’, /atau/ ‘borracha, seringa’; D1 /pekə/ ‘bracelete, tornoseleira’, /tʃitoro/ ‘borracha’, D2 [tʃi,toroʔi] ‘borracha (látex)’
38.	‘folha, livro’	Max <karambari>	A1 /tʃarə/, /puarə/, /puarə-tʃōbi/ ‘folha brava, puçanga’, A2 /kuaro/ ‘folha’, /nī/ ‘folha, anzol, agulja, espinho’, /tīmɾəj/ ‘folha’, /tʃarə/ ‘folha’, /tʃawew/ ‘folha (de planta usada para limpar a boca antes de mastigar a chicha)’, /tʃokə/ ‘folha (de planta usada para limpar a boca antes de mastigar a chicha)’, /tʃuaro/ ‘folha’, /tʃuarokuo/ ‘folha pintada’; D1 /nī/ ‘folha (genérico)’, /teēoβə/ ‘folha (que nasce no pé de aricuri)’, /tōkurinī/ ‘folha de imbaúba’, /nīdʒori/ ‘folha (com forma decorada)’, /hōanī/ ‘folha’, /nīkəkəbe/ ‘parte de baixo da folha’, /nīranī/ ‘parte de cima da folha’, /beħə/ ‘livro’, D2 [huāʔnī] ‘folha’, [papewʔkʰə] ‘folha de papel’
39.	‘machado’	Max <karawá>	A1 /karawa/, A2 /karawa/; D1 /mītə/, D2 [mī ^h tə rəʔkə] ‘cabo de machado’
40.	‘pesado’	Max <karikóma>	A1 /komə/, A2 /kumə/; D1 /kumirə/ ‘ser pesado’
41.	‘estômago’	Max <keprika>	A1 /prika/ ‘barriga’, A2 /prika/ ‘barriga’; D1 /pika/ ‘barriga’, D2 [piʔka] ‘barriga’

42.	‘cachorro’	Max <kura>	A1 /kora/, A2 /kura/; D1 /βa/, D2 [wa] ‘onça, cachorro’
43.	‘colar’	Max <mahí>	A1 / ^m bə/, A2 /mə/ ‘colar (genérico)’, /məkakə/ ‘colar feito de um único disco chato de concha usado próximo ao peito’, /mərĩriku/ ‘colar que atravessa o peito, feito de disco de concha’, /wajnr̥e/ ‘colar tradicional feito de discos pequenos de caracol’; D1 /bəru/, D2 [bə ^h ru]
44.	‘ruindade’	Max <mai>	
45.	‘não’	Max <mai>	A2 /māj/ ‘não, contraste’; D2 [ma] ‘não enfático’
46.	‘dente (cf. boca)’	Max <mai-šambi-biši>	A1 /tʃokrĩḅ/, A2 /tʃokrihã/; D1 /ḥə/, D2 [rə]
47.	‘há ninguém’	Max <mai-ši>	
48.	‘tubo de rapé’	Max <masi>	A1 /pāipāi ka/ ‘tubo de rapé’, A2 /kawari/ ‘taboca para rapé’, /nētārā/ ‘bico de taboca de rapé’, /patʃi/ ‘rapé, tabaco, cigarro’, /tāpāj/ ‘taboca para rapé’, /wajku/ ‘taboquinha para soprar rapé’
49.	‘onça’	Max <miopé>	A1 /kora/ ‘onça’, A2 /kura/; D1 /βa/ ‘onça’, /βabə/ ‘onça-vermelha’, D2 [wa] ‘onça, cachorro’
50.	‘perna’	Max <mipé>	A1 /kr̥e/ ‘perna, coxa’, /kur̥ɪ/ ‘perna, canela’, A2 /kur̥ij/ ‘perna, canela’, /prajtʃi/, /tʃi/, /tʃiku/ ‘perna de baixo’; D1 /hetḅ/ ‘coxa, perna’, /dʒi ^h nĩ/ ‘parte anterior da perna situada entre o joelho e o tornozelo’, D2 [ʔa ^h dʒi hi] ‘pelo da perna’

51.	‘abelha’	Max <mipi>	A1 / ^m biø/ ‘(termo genérico)’, A2 /mio/ ‘abelha mansa’; D1 /bari/ ‘abelha que corta cabelo’, /dʒɛbzia/ ‘abelha-canudo’, /bɛkotʃi/ ‘abelha-da-terra’, /itʃ/ ‘abelha (certa espécie)’, / ⁿ nɛ/ ‘abelha (certa espécie)’, /tuiiri/ ‘abelha (certa espécie)’
52.	‘macaco assoviador’	Max <mirũ>	A1 / ^m birí/ ‘macaco-prego’, A2 /mirø/ ‘macaco-prego’; D1 /bzirɛ/ ‘macaco-prego’
53.	‘mandioca’	Max <moré>	A1 / ^m bure/, A2 /mure/; D1 /bore/, D2 [bo ^l re] ‘mandioca (planta)’, [ˌbore ^l ka] ‘mandioca (raiz)’
54.	‘chá (provavelmente um preparado de erva)’	Max <motón>	
55.	‘flecha’	Max <mũ>	A1 / ^m bo/, A2 /mo/; D1 /kubi/, D2 [dʒɛwɛ tʃa ku ^l bi] ‘minha flecha’, [bo ⁿ ni] ‘flecha com três pontas’, [bøø ^l rø] ‘tipo de flecha’, [hira ^l hɛ] ‘flecha com a ponta de taboca’
56.	‘perdiz’	Max <muñe>	
57.	‘arco’	Max <nini>	A1 /nɛnɛ/, A2 /nɛnɛ/; D1 /teβø/, D2 [tɛ ^l wa] ‘arco, espingarda’
58.	‘nariz (cf. boca)’	Max <nini-kokne>	A1 /nĩnĩka/, A2 /nĩnĩko/ ‘nariz (burco)’; D1 /nĩnĩkøte/ ‘nariz, focinho’, D2 [nĩnĩ ^l kø], [nĩ ^l kø ^l tɛ], [nĩnĩ ^l kø ^l tɛ]
59.	‘outro’	Max <nõ>	A1 /hanaj/ ‘ela, ele, outro’, /tʃanaj/, /tʃi tʃanaj/, /tʃi tʃanaj/ ‘ele (outros)’, A2 /hánáj/; D1 /rø ⁿ ɛ/
60.	‘tabaco’	Max <pahí>	A1 /patʃi/ ‘tabaco, cigarro’, A2 /patʃi/; D1 /padʒi/ ‘tabaco, fumo’

61.	‘lua (cf. Vēnus)’	Max <pakári kapu>	A1 /kupa/, A2 /kupa/; D1 /kupa/, D2 [k ^h u ¹ pa]
62.	‘planeta Vēnus (cf. lua)’	Max <pakari newtn>	A1 /warəwarə/, A2 /warəwarə/; D1 /hðēro/
63.	‘esposa’	Max <pakuhé>	A1 /krajtʃi/ ‘esposa’, /pakoε/ ‘mulher’, A2 /krajtʃi/ ‘esposa’, / pakuε/ ‘mulher’; D1 /tərorø/ ‘ser casado, esposa’, / təro/ ‘esposa’, /pako/ ‘mulher’, D2 [pa ¹ ko] ‘mulher’
64.	‘ovo’	Max <paragua>	A1 /rē/, A2 /rē/; D1 /dʒe/, D2 [dʒe]
65.	‘galinha’	Max <paūna>	A1 /paonē/, A2 /pawñð/; D1 / paro/
66.	‘fogo’	Max <pikū>	A1 /pikə/, A2 /pikə/; D1 /pitʃε/, D2 [pi ¹ ʃε]
67.	‘papagaio’	Max <pirū>	A1 /toɾeŷhe/ ‘papagaio’, / ^m brēi ^m brēi/ ‘papagaio madeira’, / piapia/ ‘papagaio caboclo, papagaio do peito roxo, papagaio cinzento’, A2 /mrðjmrðj/ ‘papagaio’, / pijapija/ ‘papagaio cinzento’, / prājprðj/ ‘papagaio’, /turəwhe/ ‘papagaio estrela’; D1 /εruβε/ ‘papagaio’, /εruβε ¹ nīburø/ ‘papagaio-estrela’, / ^l mē ^l rē ^l mē ^l rē/ ‘papagaio-madeira’
68.	‘fumar’	Max <pitawá>	A1 /o/; D1 /nð/
69.	‘borracha’	Max <poriki>	A2 /atau/ ‘seringa, borracha’; D1 / ʃʃitoro/, D2 [ʃʃi ¹ toro ¹ ?i] ‘borracha (látex)’
70.	‘mosquito (<i>Simulium pertinax</i>)’	Max <porunka>	A1 /pðrðka/ ‘borrachudo cinzento’, A2 /pðrðka/ ‘borrachudo, pium’; D1 /bokðtʃiβe/ ‘borrachudo’

71.	'filha (oposta a filho)'	Max <praya>	A1 /tʃitʃi/ 'filha (chamada pelo pai)', /kraɪ/ 'filho, filha', A2 /kraɪ/ 'filho, filha, filhote, criança', /pakuɛkraɪ/ 'menina, filha', /tʃitʃi/ 'filha (de homem)'; D1 /itʃi/, /bətʃi/ 'filha do meio';
72.	'cuiá'	Max <premé>	A1 /mɛmɛ/ 'cuiá, cabaça', A2 /mɛ̃mɛ̃/; D1 /dʒokorɛkakə/ 'cuiá', /dʒibɛ/ 'cabaça', /koraka/ 'cabaça', /pupu/ 'cumbuca'
73.	'bem-vindo'	Max <priña>	
74.	'sepi (?)'	Max <kiki>	
75.	'menachi (?)'	Max <sakaši>	
76.	'é'	Max <ši>	
77.	'cabelo'	Max <ši-kaši>	A1 /kai/, A2 /kai/; D1 /kð̃hi/ 'cabelo da cabeça', /hi/ 'cabelo', D2 [kuã'hi], [kua'hi], [hi]
78.	'colher'	Max <ši-miriko>	A1 /tʃarɛʊ/, /tarai/, /kopiɛ/, A2 /tʃarɛw/; D1 /tʃokakə/, D2 [tʃoka'kʰə], [tʃuka'kʰə rō hua'rō] 'colher grande'
79.	'garganta'	Max <ši-pukome>	A1 / ^m bəpɛtʃi/, /bəpətʃi/ 'garganta, goela', /nəwə/ 'esófago', / ^m bəpətʃokə/ 'laringe, traqueia', A2 /rihɛnəwə/ 'garganta, goela, esófago'; D1 /borekə/ 'garganta', /opadʒi/ 'esófago'
80.	'boca (cf. nariz)'	Max <ši-šambikokne>	A1 /tʃɛ ^m bikə/, A2 /tʃamikə/; D1 /ħakə/, D2 [ha'kə]
81.	'língua'	Max <sindukutora>	A1 / ⁿ duktəɾɛ/, A2 /nukutəɾɛ/; D1 / ⁿ ɔtɛ/, D2 [nɔ ^h tɛ]

82.	‘saudação (fórmula de saudação)’	Max <tabó>	
83.	‘trazer’	Max <taivé>	A1 /tə/, /nimẽ/ ‘trazer acompanhando’, A2 /tə/ ‘trazer, levar, ter, ser’; D1 /tɛ/
84.	‘mudança’	Max <taivé>	
85.	‘sol’	Max <táxó>	A1 /təha/, A2 /təhá/; D1 /tõhõ/, D2 [tõ'hõ]
86.	‘virada’	Max <takũ>	A1 /pari/ ‘virar’, A2 /háprə/ ‘virar pra ver o rosto’, /rajtátã/ ‘virar’; D1 /pari/ ‘virar’, /bəpari/ ‘virar’, /bero/ ‘virar, torcer’, /ka'mẽβiri/ ‘virar de borco’
87.	‘anzol’	Max <atiã>	A1 /kunĩ/, A2 /kunĩ/ ‘anzol, agulha, espinho’, /nĩ/ ‘anzol, agulha, espinho, folha’; D1 /ku'nĩ/, D2 [ku'nĩ] ‘anzol, espinho, agulha’;
88.	‘cerimônia mortuária’	Max <tapí>	
89.	‘sono’	Max <tiriwa>	A1 /nũtairo/ ‘sono’, /nũtẽ/ ‘dormir’, A2 /nũtajro/ ‘sono (estar com)’, /nũtõ/ ‘dormir, pernoitar, morar’; D1 /'nõtei/ ‘sono’, /'nõtõ/ ‘dormir’, D2 [hø no,te:'i'rø βɛ'βɛ] ‘eu estou com muito sono’, [nõ ^h tõ] ‘dormir’
90.	‘rede de dormir’	Max <tũ>	A1 /tĩ/, A2 /tĩ/; D1 / ₁ tɛtə/, D2 [tɛ't ^h ə]
91.	‘sim’	Max <ũh ũh>	A2 /hõ/; D1 /ẽhẽ/
92.	‘sal (cf. cinzas)’	Max <ukoni>	A1 /kukəni/, A2 /kukənĩ/; D1 / kukə'nĩ/

93.	‘estrela’	Max <vira vira>	A1 /wirəwirə/, A2 /wirəwirə/ ‘estrela pequenininha’; D1 /bzirebzire/, D2 [bzirebzi're] ‘estrela’, [bzirebzi're tʃi'tʃi] ‘estrela grande’, [kurawa'tʃi] ‘um tipo de estrela’
94.	‘caminhada’	Max <riučá> ‘andar’	A1 /kəɾɔɪ/ ‘andar’, A2 /kəɾəj/ ‘andar’; D1 /dudu/ ‘andar’, D2 [du'du] ‘andar’
95.	‘comido’	Max <yako>	A1 /ko/, /po/ ‘comer’, /ʔu/ ‘comer (frutas), chupar’, A2 /ku/ ‘comer’, /pu/ ‘comer carne’; D1 /ko/ ‘comer’, /po/ ‘comer’
	‘faca’, apenas no manuscrito de Paris	Max <karawa>	A1 /pə/, /karawa/ ‘machado’, A2 /pə/ ‘faca, ponta de flecha de taboca’, /karawa/ ‘machado’; D1 /ħakutə/, /mĩtə/ ‘machado’
	‘joelho’, apenas no manuscrito de Paris	Max <chinipiká>	A1 /mɛpɛ/, /mɛpɛ ʔi/ ‘rótula’, A2 /mɛpɛ/; D1 /pɛpɛ/ ‘joelho’, D2 [nĩ,nĩ ^h ke'ka]

1.2 Morfemas lexicais excluídos da comparação

Tabela 02 – Morfemas lexicais excluídos da comparação

4.	‘muito’	Max <'tä, añi>	
6.	‘peru’	Max <arū>	
12.	‘sututu (?)’	Max <či-kambū>, <menga>	
34.	‘facão de chonta’	Max <ipá>	
47.	‘há ninguém’	Max <mai-ši>	
54.	‘chá (provavelmente um preparado de erva)’	Max <motón>	

59.	‘outro’	Max <nõ>	A1 /hanaj/ ‘ela, ele, outro’, /tʃanaj/, /tʃi tʃanaj/, /tʃi tʃanaj/ ‘ele (outros)’, A2 /hãñaj/; D1 /rəʔnẽ/
73.	‘bem-vindo’	Max <priña>	
74.	‘sepi (?)’	Max <kiki>	
75.	‘menachi (?)’	Max <sakaší>	
76.	‘é’	Max <ši>	
82.	‘saudação (fórmula de saudação)’	Max <tabó>	
88.	‘cerimônia mortuária’	Max <tapí>	

Os treze morfemas lexicais se mostram problemáticos. Por exemplo, olhemos as entradas 74. ‘sepi (?)’ e 75. ‘menachi (?)’. Muito provavelmente são termos regionais, mas não estão claros os seus respectivos significados. Rivet (1953) também não pôde traduzi-los, apenas marcou-os com um ponto de interrogação entre parênteses.

Outro exemplo problemático é 76, ‘é’. Visto que nem Djeoromitxi nem Arikapú possuem cópulas ou formas fossilizadas que indiquem a presença de cópulas em estágios anteriores dessas línguas, como podemos reunir formas possivelmente cognatas de <ši>? Ao admitir um morfema como esse na comparação, com significado bastante difuso, poderíamos incorrer na aceitação de uma grande latitude semântica entre as formas comparáveis.

Em resumo, optamos por manter essas 13 formas fora, reduzindo o *corpus* de nossa comparação, mas considerando os princípios metodológicos do Método Histórico-Comparativo.

1.3 Morfemas cognatos Maxubí-Arikapú

Tabela 03 – Morfemas cognatos Maxubí-Arikapú

2.	‘quente’
Max <ai-kũ> : A1 /kə/, A2 /kə/	
13.	‘morder’
Max <či-kóko> : A1 /koko/ ‘morder’, A2 /kuku/ ‘morder, ferir’, /ku/ ‘morder, mastigar, comer’	
19.	‘mão’
Max <či-nikai-mũ> : A1 /nikaj/, A2 /nikaj/ ‘mão, dedo’	
20.	‘mulher’
Max <či-ninika> : A1 / ⁿ du ⁿ duka/ ‘mulher (após a menstruação, adulta)’	
22.	‘ornamento das orelhas’
Max <či-nipurí> : A1 /nipurɛ/, A2 /nīpurɛ/ ‘brinco, orelha’	
39.	‘machado’
Max <karawá> : A1 /karawa/, A2 /karawa/	
42.	‘cachorro’
Max <kura> : A1 /kora/, A2 /kura/	
51.	‘abelha’
Max <mipi> : A1 / ^m bio/ ‘(termo genérico)’, A2 /mio/ ‘abelha mansa’	
55.	‘flecha’
Max <mũ>, A1 / ^m bo/, A2 /mo/	
57.	‘arco’
Max <nini> : A1 /nēñɛ/, A2 /nɛɛ/	
65.	‘galinha’
Max <paūna> : A1 /paonɛ/, A2 /pawñɔ/	
70.	‘mosquito (<i>Simulium pertinax</i>)’
Max <porunka> : A1 /pārōka/ ‘borrachudo cinzento’, A2 /pārōka/ ‘borrachudo, pium’	

72.	‘cuia’
Max <premé> : A1 /mɛmɛ/ ‘cuia, cabaça’, A2 /mēmē/	
80.	‘boca’
Max <ši-šambikə-kne> ⁵ : A1 /tʃẽ ^m bikə/, A2 /tʃamiko/	
81.	‘língua’
Max <sin-dukutora> : A1 / ⁿ dukutərə/, A2 /nukutərə/	
	‘faca’, apenas no manuscrito de Paris
Max <karawa> : A1 /karawa/ ‘machado’, A2 /karawa/ ‘machado’	

Essas 15⁵ formas cognatas Maxubí-Arikapú constituem evidências lexicais em favor da inclusão do Maxubí na família Jabutí. Além disso, elas também sugerem uma maior proximidade genética entre o Maxubí e o Arikapú. Convém destacar os morfemas do vocabulário básico que ocorrem nestas etimologias: 13. ‘morder’, 19. ‘mão’, 80. ‘boca’ e 81. ‘língua’.

A provável cognicidade destas formas é reforçada pelas correspondências sonoras que encontramos entre as três línguas Jabutí (ver seção 2). Com isso, a semelhança forma-significado entre estes morfemas é melhor explicada por uma possível origem comum que por empréstimo linguístico. Vale ressaltar que o Djeoromitxí, por mecanismos que ainda não sabemos, substituiu essas formas por outras em sua passagem de Proto-Jabutí à língua independente desta família.

⁴ Acreditamos que aqui houve um erro tipográfico no trabalho de Rivet (1953), sendo a forma pretendida *ši-šambi-kone*. Não acreditamos que em Maxubí haja sílabas travadas.

⁵ Como já explicamos anteriormente (nota 1), decidimos manter o morfema <karawa> ‘faca’, retirado do manuscrito de Paris, em uma entrada separada da lista que aqui apresentamos, apenas para ressaltar o fato dele não ocorrer na lista publicada por Rivet (1953). Contudo, como ele é homomorfo ao morfema <karawá> da entrada 39., diferenciando-se deste apenas no significado, não tem porque contá-lo como um morfema distinto. Este é o motivo de contarmos apenas 15, e não 16, prováveis cognatos Maxubí-Arikapú.

1.4 Morfemas cognatos Maxubí- Arikapú-Djeoromitxi

Tabela 04 – Morfemas cognatos Maxubí-Arikapú-Djeoromitxi

3.	‘olho’
Max <akarí> : A1 /hēkarɛ/, A2 /hākarɛ/ : D1 /hōka/, D2 [hō ^u ka]	
11.	‘carrapato’
Max <čičika> : A1 /tʃitʃika/, A2 /tʃitʃika/ : D1 /tʃitʃika/, D2 [tʃitʃi ^u ka]	
21.	‘orelha’
Max <či-nipuré> : A1 /nīpuarɔ/ ‘orelha’, A2 /nīpurɛ/ ‘brinco, orelha’, /nīpwarɔ/ : D1 / ^u nīpi/, D2 [nī ^u mpi]	
23.	‘caminho’
Max <či-vi>, <vi-hi> : A1 /wi/ ‘caminho, linha’, A2 /wi/ : D1 /βikɔ/ ‘estrada’, /βi/ ‘vereda’, D2 [wi ^u kɔ]	
29.	‘banana’
Max <e-rawače> : A1 /rawatʃi/ ‘banana (termo genérico)’, A2 /rawatʃi/ : D1 /hōtʃitʃi/ ‘banana (termo genérico)’	
31.	‘casa’
Max <e-riko-ná> : A1 /rɛkɔ/, A2 /rɛkɔ/ : D1 /hikɔka/, D2 [,hikɔ ^u ka]	
33.	‘comer’
Max <i-ko> : A1 /kɔ/, A2 /ku/ : D1 /kɔ/, D2 [kɔ]	
35.	‘milho’
Max <iti>, <kokoví> : A1 /tʃitʃi/, A2 /tʃitʃi/ : D1 /tʃitʃi/, D2 [tʃi ^u tʃi]	
36.	‘água’
Max <iū> : A1 /i/ ‘líquido’, A2 /i/ : D1 /i/ ‘líquido’, D2 [ʔi], [bzi ^u ri ^u ?i]	
40.	‘pesado’
Max <kari-kóma> : A1 /komɔ̃/, A2 /kumɔ̃/ : D1 /kumirɔ/ ‘ser pesado’	

41.	‘estômago’
Max <ke- prika > : A1 / prika / ‘barriga’, A2 / prika / ‘barriga’ : D1 / pika / ‘barriga’, D2 [pi’ka] ‘barriga’	
45.	‘não’
Max < mai > : A2 / māj / ‘não, contraste’ : D2 [ma] ‘não enfático’	
52.	‘macaco assoviador’
Max < mirū > : A1 / miri / ‘macaco-prego’, A2 / mirə / ‘macaco-prego’ : D1 / bzirɛ / ‘macaco-prego’	
53.	‘mandioca’
Max < moré > : A1 / mure /, A2 / mure / : D1 / bore /, D2 [bo’ɛ] ‘mandioca (planta)’	
58.	‘nariz (cf. boca)’
Max < ninikone > ⁷ : A1 / nīnika /, A2 / nīniko / ‘nariz (burco)’ : D1 / nīnikote / ‘nariz, focinho’, D2 [nīnī’kø], [nī’kø’tɛ], [nīnī’kø’tɛ]	
60.	‘tabaco’
Max < pahí > : A1 / patfi / ‘tabaco, cigarro’, A2 / patfi / : D1 / padzi / ‘tabaco, fumo’	
61.	‘lua (cf. Vênus)’
Max <pakári kapu > ⁸ : A1 / kupa /, A2 / kupa / : D1 / kupa /, D2 [k ^h u’pa]	
63.	‘esposa’
Max < pakuhé > : A1 / pakoɛ / ‘mulher’, A2 / pakuɛ / ‘mulher’ : D1 / pako / ‘mulher’, D2 [pa’ko] ‘mulher’	
66.	‘fogo’
Max < pikū > : A1 / pikə /, A2 / pikə / : D1 / pitɛ /, D2 [pi’tʃɛ]	
77.	‘cabelo’
Max <ši- kaši > : A1 / kai /, A2 / kai / : D1 / kōēhi / ‘cabelo da cabeça’, D2 [kuā’hi], [kua’hi]	

⁶ Acreditamos que aqui houve um erro tipográfico no trabalho de Rivet (1953), sendo a forma pretendida *ninikone*. Possivelmente, Maxubí não possui sílabas travadas.

⁷ Provavelmente, ocorreu metástase em Maxubí.

83.	‘trazer’
Max <ta-ivé> : A1 /tə/, A2 /tə/ ‘trazer, levar, ter, ser’ : D1 /te/	
85.	‘sol’
Max <táxó> : A1 /təha/, A2 /təhã/ : D1 /təhã/, D2 [tə'hõ]	
90.	‘rede de dormir’
Max <tũ> : A1 /ti/, A2 /ti/ : D1 /,tetə/, D2 [te'thə]	
92.	‘sal (cf. cinzas)’
Max <ukoni> ⁹ : A1 /kukəni/, A2 /kukəni/ : D1 /kukəni/	
93.	‘estrela’
Max <vira vira> : A1 /wirəwirə/, A2 /wirəwirə/ ‘estrela pequenininha’ : D1 /bzirebzire/, D2 [bzirebzire]	

Essas 25 etimologias constituem evidências lexicais em favor da inclusão do Maxubí na família Jabutí como uma terceira língua independente. Vale ressaltar os termos do vocabulário básico que figuram nestes conjuntos de cognatos: 3. ‘olho’, 21. ‘orelha’, 33. ‘comer’, 36. ‘água’, 41. ‘estômago’, 58. ‘nariz (cf. boca)’, 61. ‘lua (cf. Vênus)’, 66. ‘fogo’, 77. ‘cabelo’, 85. ‘sol’ e 93. ‘estrela’. A suposta cognicidade destas formas é reforçada, conforme já dissemos, pelas correspondências sonoras que encontramos entre as três línguas Jabutí (ver seção 2).

Tendo em mente o limitado registro que temos da língua Maxubí (apenas 96 morfemas lexicais) e o mais limitado ainda *corpus* comparativo, com o qual trabalhamos neste artigo (apenas 83 morfemas lexicais), podemos dizer, embora preliminarmente, que as 25 etimologias Maxubí-Arikapú-Djeoromitxi, acrescidas às 15 etimologias Maxubí-Arikapú, que apresentamos na subseção 1.3, constituem evidências lexicais sólidas que nos possibilitam pensar seriamente na hipótese do Maxubí como uma terceira língua da família Jabutí, geneticamente mais próxima do Arikapú do que do Djeoromitxi.

Para finalizar, essas etimologias também nos mostram como o Djeoromitxi é, no nível fonológico, a língua menos conservadora da família Jabutí.

⁹ Provavelmente, ocorreu aférese em Maxubí.

1.5 Morfemas Maxubí que não apresentam cognatos dentro da família Jabutí, segundo os dados existentes

Tabela 05 - Morfemas Maxubí que não apresentam cognatos dentro da família Jabutí

1.	‘nome’	Max <abikoka>	D1 /tḏhi/, D2 [tḥi]; A1 /tatʃi/, A2 /tatʃi/ ‘chamar, nome’
5.	‘matado’	Max <aripamú>	D1 /hi/ ‘matar’, /tøʔmi/ ‘matar batendo’, /hãhi/ ‘morrer’, D2 [tøʔmĩ] ‘matar com a borduna, bater’, [haʔhi] ‘morrer’; A1 /kamətʃi/ ‘corpo do morto, cadáver, defunto, finado, morrer’, /kḏʔdø/ ‘flechar, matar, atingir’, /tẽmrẽ/ ‘matar’, /pi/ ‘morrer’; A2 /konø/ ‘matar, atirar, flechar’, /tẽmrẽ/ ‘matar a pancada, bater’, /kamḥtʃi/ ‘morto’
7.	‘chicha’	Max <averú>	D1 /hibzi/, D2 [hiʔbzi]; A1 /tʃuærø/, A2 /tʃuærø/
8. ¹⁰	‘comer da comida’	Max <čibikoko>	A1 /ko/ ‘comer’, A2 /ku/ ‘comer, morder, mastigar, cheirar, tomar’; D1 /ko/, /po/ ‘comer’, D2 [ko] ‘comer’
9.	‘lábio’	Max <či-káti>	D1 /høkø/ ‘lábio inferior’, /høʔnokoka/ ‘lábio superior’, D2 [røʔkʰø] ‘lábios’; A1 /ʔduku/ ‘lábios’, A2 /nuku/ ‘boca e lábios’, /tʃøkø/ ‘lábios, cuspe’

⁹ Estamos comparando aqui apenas a forma <čibiko-> ‘comida’. A forma <ko> ‘comer’, como já demonstramos, possui prováveis cognatos dentro da família.

10.	‘campo cultivado’ (roça?)	Max <čiči>	D1 /uruku/ ‘roça’, D2 [dʒewɛ ¹ tʃa ʔuru ¹ k ^h u] ‘minha roça’; A1 /ʔuruku/ ‘roça, capoeira’, A2 /kukue/ ‘roça não queimada, feita no período chuvoso para plantar milho para mingau’, /mǎřiko/ ‘milho, roça nova’, /uruku/ ‘roça’
14.	‘filho’	Max <či-kombre>	D1 /tə/ ‘filho’, /βikəkø/ ‘filho’, /təkabu/ ‘filho mais novo’, /təpuziɾo/ ‘filho mais velho’, /təpɔɾɛ/ ‘primeiro filho’, /təiti/ ‘último filho’, D2 [t ^h ə]; A1 /kraj/ ‘filho’, /tʃəkɔ/ ‘filho (chamado pelo pai)’, /wikəkɔ/ ‘filho (usado somente para o sexo masculino)’, A2 /kraj/ ‘filho, filha, filhote, criança’, /onǎkraj/ ‘menino, filho’, /tʃokɔ/ ‘filho’, /wikəkɔ/ ‘filho’, /itəj/ ‘filhos dos primos’
15.	‘panela’	Max <čimbibi>	D1 /oa/; A1 /ʔoa/, A2 /ua/
16.	‘cabeça’	Max <či-mé>	D1 /kǎkka/, D2 [kuǎ ^h ka]; A1 /kǎi/, A2 /kaj/
17.	‘anta’	Max <čimoré>	D1 /hǎšǎ/, /hǎšə/, D2 [ho ¹ ʔǎ]; A1 /nǎwǎ/, A2 /nǎwə/
18.	‘braço’	Max <či-niká>	D1 /hapa/, D2 [ʔara ¹ pa hi] ‘pêlo do braço’; A1 /tʃapa/, A2 /tʃapa/
24.	‘Dioscorea (inhame)’	Max <čorimǔ>	A2 /mu/
25.	‘contas’	Max <komba>	A2 /krahĩřǎ/ ‘miçangas, contas miúdas, minúsculas’, /kra pɾəjtʃi/ ‘um tipo maior de contas’
26.	‘cacau’	Max <kumbri>	D1 /bzietʃɛ/; A1 /ʔapǎratʃi/ ‘cacau-manso’, A2 /apǎjratʃi/ ‘cacau-do-mato’

28.	‘porco’	Max <enatón>	D1 /paḥe/ ‘porco-caititu’, /paḥeriorø/ ‘porco-doméstico’, /paḥeri/ ‘porco-queixada’; A1 /koritʃi/ ‘porco’, /koritʃi mbr̥ɔ̃/, /koritʃi niwio/, A2 /kuritʃi/ ‘queixada’
30.	‘flauta’	Max <erikóčca>	D1 /opə/, D2 [ʔoːpə] A2 /məpə/ ‘flauta’, /məpəkraj/ ‘flauta curta’, /məpərehətʃi/ ‘flauta longa’, /məpəritio/ ‘flauta furada’, /mikraj məpə/ ‘flauta de Pá’, /turiru/ ‘flauta de quatro furos’
32.	‘moscas’	Max <huainoho>	D1 /kuḥeːnĩ/, D2 [paːtʃi raˈri] ‘asa de carapaná (tipo de mosquito)’; A1 /ndōdōtʃi/ ‘mosca cabeça-branca’, /patʃi/ ‘carapaná, pernillongo’, /patʃi mɛ̃y/ ‘mosquito pequeno’, /patʃiṽ mɛ̃y/ ‘tatuquirá’, A2 /kutʃio/ ‘mosca-das-frutas’, /wɛrəmɾəj/ ‘mosca grande’, /patʃi/
37.	‘braceletes de borracha do pulso e do joelho’	Max <kapa>	D1 /pɛkə/ ‘bracelete, tornoseleira’, /tʃitoro/ ‘borracha’, D2 [tʃiːtoroːi] ‘borracha (látex)’; A1 /tʃapat̥i/ ‘bracelete’, /nikati/ ‘pulseira de algodão’, /nikakə/ ‘pulseira de castanha’, A2 /nĩkati/ ‘pulseira da parte superior do braço ou do pulso’, /tʃapat̥i/ ‘pulseira na parte superior do braço’, /atau/ ‘borracha, seringa’

38.	‘folha, livro’	Max <karambari>	<p>D1 /nĩ/ ‘folha (genérico)’, /tẽõõβə/ ‘folha (que nasce no pé de aricuri)’, /tõkurinĩ/ ‘folha de imbaúba’, /nĩdʒori/ ‘folha (com forma decorada)’, /hãñĩ/ ‘folha’, /nĩkøkøbe/ ‘parte de baixo da folha’, /nĩranĩ/ ‘parte de cima da folha’, /bẽhə/ ‘livro’, D2 [huã'nĩ] ‘folha’, [papew'kʰə] ‘folha de papel’;</p> <p>A1 /tʃarə/, /puarə/, /puarə-tʃõbi/ ‘folha brava, puçanga’, A2 /kuarə/ ‘folha’, /nĩ/ ‘folha, anzol, agulha, espinho’, /tĩmrəj/ ‘folha’, /tʃarə/ ‘folha’, /tʃawew/ ‘folha (de planta usada para limpar a boca antes de mastigar a chicha)’, /tʃøkə/ ‘folha (de planta usada para limpar a boca antes de mastigar a chicha)’, /tʃuaro/ ‘folha’, /tʃuarokuo/ ‘folha pintada’</p>
43.	‘colar’	Max <mahĩ>	<p>D1 /bərʉ/, D2 [bə'ru]; A1 /^mbə/, A2 /mə/ ‘colar (genérico)’, /mækakə/ ‘colar feito de um único disco chato de concha usado próximo ao peito’, /mẽrĩrĩku/ ‘colar que atravessa o peito, feito de disco de concha’, /wajñĩrẽ/ ‘colar tradicional feito de discos pequenos de caracol’</p>
44.	‘ruindade’	Max <mai>	
46.	‘dente (cf. boca)’	Max <mai-šambi-bĩši>	<p>D1 /hø/, D2 [rø]; A1 /tʃokrĩẽ/, A2 /tʃokrĩhã/</p>

48.	‘tubo de rapé’	Max <masi>	A1 /pāīpāi ka/ ‘tubo de rapé’, A2 /kawari/ ‘taboca para rapé’, /nētārā/ ‘bico de taboca de rapé’, /patʃi/ ‘rapé, tabaco, cigarro’, /tāpāj/ ‘taboca para rapé’, /wajku/ ‘taboquinha para soprar rapé’
49.	‘onça’	Max <miopé>	D1 /βa/ ‘onça’, /βabe/ ‘onça-vermelha’, D2 [wa] ‘onça, cachorro’; A1 /kora/ ‘onça’, A2 /kura/
50.	‘perna’	Max <mipé>	D1 /hetē/ ‘coxa, perna’, /dʒiʹnī/ ‘parte anterior da perna situada entre o joelho e o tornozelo’, D2 [ʔaʹdʒi hi] ‘pelo da perna’; A1 /kre/ ‘perna, coxa’, /kurɔi/ ‘perna, canela’, A2 /kurij/ ‘perna, canela’, /praɪtʃi/, /tʃi/, /tʃiku/ ‘perna de baixo’
56.	‘perdiz’	Max <muñe>	
62.	‘planeta Vēnus (cf. lua)’	Max <pakari newtn>	D1 /hōēro/; A1 /warəwarə/, A2 /warəwarə/
64.	‘ovo’	Max <paragua>	D1 /dʒe/, D2 [dʒe]; A1 /rē/, A2 /rē/
67.	‘papagaio’	Max <pirū>	D1 /eruβe/ ‘papagaio’, /eruβeʹnīburə/ ‘papagaio-estrela’, /mēreʹmērē/ ‘papagaio-madeira’; A1 /torɔyhe/ ‘papagaio’, /brēʹbrēi/ ‘papagaio madeira’, /piapia/ ‘papagaio caboclo, papagaio do peito roxo, papagaio cinzento’, A2 /mrəjmrəj/ ‘papagaio’, /pijapija/ ‘papagaio cinzento’, /prājprəj/ ‘papagaio’, /turəwhe/ ‘papagaio estrela’

68.	‘fumar’	Max <pitawá>	D1 /nõ/; A1 /o/
69.	‘borracha’	Max <poriki>	D1 /tʃitoro/, D2 [tʃiːtoroːi] ‘borracha (látex)’; A2 /atau/ ‘seringa, borracha’
71.	‘filha (oposta a filho)’	Max <praya>	D1 /itʃi/, /bətʃi/ ‘filha do meio’; A1 /tʃitʃi/ ‘filha (chamada pelo pai)’, /kraɪ/ ‘filho, filha’, A2 /kraɪ/ ‘filho, filha, filhote, criança’, /pakuəkraɪ/ ‘menina, filha’, /tʃitʃi/ ‘filha (de homem)’
78.	‘colher’	Max <ši-miriko>	D1 /tʃokakə/, D2 [tʃokaˈkʰə], [tʃukaˈkʰə rō huaˈrə] ‘colher grande’; A1 /tʃareɥ/, /taraɪ/, /kopiẽ/, A2 /tʃarew/
79.	‘garganta’	Max <ši-pukome>	D1 /borekə/ ‘garganta’, /opadzɪ/ ‘esófago’; A1 / ^m bəpətʃi/, /bəpətʃi/ ‘garganta, goela’, /nəwə/ ‘esófago’, / ^m bəpətʃokə/ ‘laringe, traqueia’, A2 /rihenəwə/ ‘garganta, goela, esófago’
84.	‘mudança’	Max <taivé>	
86.	‘virada’	Max <takū>	D1 /pari/ ‘virar’, /bəpari/ ‘virar’, /bero/ ‘virar, torcer’, /kaːmɛβiri/ ‘virar de borco’; A1 /pari/ ‘virar’, A2 /hāprə/ ‘virar pra ver o rosto’, /rajtātā/ ‘virar’
87.	‘anzol’	Max <atiã>	D1 /kuːnĩ/, D2 [kuːnĩ] ‘anzol, espinho, agulha’; A1 /kunĩ/, A2 /kunĩ/ ‘anzol, agulha, espinho’, /nĩ/ ‘anzol, agulha, espinho, folha’

89.	‘sono’	Max <tiriwa>	D1 /nõtei/ ‘sono’, /nõtõ/ ‘dormir’, D2 [hø no,teʔiʔrø βeʔβe] ‘eu estou com muito sono’, [nõ ^h tõ] ‘dormir’; A1 /nũtãro/ ‘sono’, /nũtẽ/ ‘dormir’, A2 /nũtajro/ ‘sono (estar com)’, /nũtõ/ ‘dormir, pernoitar, morar’
91.	‘sim’	Max <ũh ũh>	D1 /ẽhẽ/; A2 /hõ/
94.	‘caminhada’	Max <riućá>	D1 /dudu/ ‘andar’, D2 [duʔdu] ‘andar’; A1 /kãrãu/ ‘andar’, A2 /kãrõ/ ‘andar’
95. ¹¹	‘comido’	Max <ya-ko>	A1 /ko/, /po/ ‘comer’, /ʔu/ ‘comer (frutas), chupar’, A2 /ku/ ‘comer’, /pu/ ‘comer carne’; D1 /ko/ ‘comer’, /po/ ‘comer’
	‘joelho’, apenas no manuscrito de Paris	Max <chinipiká>	D1 pẽpe/ ‘joelho’, D2 [nĩ,nĩŋkẽka]; A1 /mẽpe/, /mẽpe ʔi/ ‘rótula’, A2 /mẽpe/

Um fato que chama a atenção é a palavra Maxubí para perna <mipé>, provável empréstimo Tupí-Mondé, talvez oriundo do Aruá. A palavra Maxubí para fumar <pitawá> é muito provavelmente empréstimo Tupí-Tuparí, vindo talvez do Tuparí *pitua*. Esses empréstimos Tupí, embora escassos, mostram um contato consideravelmente intenso entre as línguas Maxubí, Aruá e Tuparí.

¹⁰ Estamos comparando aqui apenas a forma <ya->. O verbo <ko>, como já demonstramos, apresenta prováveis cognatos dentro da família Jabutí.

1.6 Resultado preliminar da comparação lexical entre as línguas Jabutí

Apresentamos o seguinte quadro com vistas a sintetizar a comparação lexical realizada nesta seção:

Tabela 06 – Resultado Preliminar

Nº total de morfemas Maxubí	96	
Nº total de morfemas Maxubí excluídos da comparação	13	
Nº total de morfemas Maxubí comparáveis	83	100%
Nº total de prováveis cognatos Maxubí-Arikapú	15	18%
Nº total de prováveis cognatos Maxubí-Arikapú-Djeoromitxi	25	30%
Nº total de formas Maxubí que não apresentam prováveis cognatos	43	52%

2 Correspondências sonoras

2.1 Consoantes

PJb¹¹ *p

/#_

Mx <p> : Ar /p/ : Dj /p/

Ex.: 60, 63, (65)¹², 66, (70)

/#_r

Mx <p> : Ar /p/ : Dj /p/

Ex.: 41

¹¹ PJb = Proto-Jabutí. Não propomos aqui uma reconstrução definitiva e indiscutível. Aliás, acreditamos que não haja reconstrução definitiva e indiscutível. O que propomos é uma reconstrução possível a partir dos dados disponíveis.

¹² As numerações entre parênteses significam que as formas comparadas são encontradas apenas em Maxubí e Arikapú.

Mx <p> : Ar /m/

Ex.: (72)

/V_V

Mx <p> : Ar /p/ : Dj /p/

Ex.: 21, (22), 61

PJb *t

/#_V [+ post]

Mx <t> : Ar /t/ : Dj /t/

Ex.: 83, 85, 90

/V_V [+ post]

Mx <t> : Ar /t/

Ex.: (81)

PJb *k

/#_V [+ post]

Mx <k> : Ar /k/ : Dj /k/

Ex.: (2), 8, (13), 27, 33, (39), 40, (42), 61, 77, 95, Ms. Paris

/V_V [+ post]

Mx <k> : Ar /k/ : Dj /k/

Ex.: 3, 11, (13), (19), (20), 31, 41, 58, 63, (70), (80), (81), 92

/i_e

Mx <k> : Ar /k/ : Dj /tʃ/

Ex.: 66

PJb *tʃ

/_V [+ ant, + alta]

Mx <č> : Ar /tʃ/ : Dj /tʃ/

Mx <t> : Ar /tʃ/ : Dj /tʃ/

Ex.: 11, 29, 35

/_V [+ post]

Mx <š> : Ar /tʃ/

Ex.: (80)

/V_V [+ ant, + alta]

Mx <š> : Dj /h/ (/ħ/) : Ar ^

Ex.: (77)

Mx <h> : Ar /tʃ/ : Dj /dʒ/

Ex.: 60

PJb *b

/#_i

Mx <m>: Ar /^mb/ (A1), /m/ (A2) : Dj /bz/

Ex.: (51), 52, (51)

/#_V [+ post, + alta]

Mx <m> : Ar /^mb/ (A1), /m/ (A2) : Dj /b/

Ex.: 53

PJb *d

/#_

Mx <d> : Ar /ⁿd/ (A1), /n/ (A2)

Ex.: (81)

/#_V [+ alta, -nas]

Mx <n> : Ar /ⁿd/ (A1)

Ex.: (20)

PJb *m

/#_V [+ nasal]

Mx <m> : Ar /^mb/ (A1), /m/ (A2) : Dj /m/

Ex.: 45

/V_V [+ nasal]

Mx <m> : Ar /m/ : Dj /m/

Ex.: 40, (72)

PJb *n

/#_V [+ant, +nas]

Mx <n> : Ar /n/ : Dj /ⁱn/

Ex.: (19), 21, (22), (57), 58

/V_V [+ nasal]

Mx <n> : Ar /n/ : Dj /ⁱn/

Ex.: (57), 58, (65), 92

/V_V [+ant, + alta]

Mx <n> : Dj /t/

Ex.: (58)

PJb *w

/_i

Mx <v> : Ar /w/ : Dj /β/¹³

Ex.: 23

Mx <v> : Ar /w/ : Dj /bz/

Ex. 93

/V_V

Mx <w> : Ar /w/ : Dj ^

Ex.: 29, (39), Ms. Paris

/V_

Mx <ū> : Ar /o/ (A1), /w/ (A2)

Ex.: (65)

PJb *r

/#_

Mx <r> : Ar /r/ : Dj /ħ/¹⁴

Ex.: 29, 31

/V_V

Mx <r> : Ar /r/ : Dj /r/

Ex.: 3, 21, (22), (39), (42), 52, 53, (70), (81), (93), Ms. Paris

/p_V

Mx <r> : Ar ^

Ex.: (72)

Mx <r> : Ar /r/ : Dj ^

Ex.: 41

PJb *h

/V_V

Mx <x> : Ar /h/ : Dj /h/

Ex.: 85

Mx <h> : Ar ^

Ex.: 63

¹³ Adotamos a forma /β/ conforme fonemizada por M. Ribeiro (2008). Esse fonema, conforme os dados de nosso trabalho de campo indicam, possui dois alofones: [w] /_V [+ post] e [β] /_V [+ anterior]. Sincronicamente, a melhor forma de representar este fonema é β, pois ele é de maior ocorrência que w; contudo, olhando diacronicamente, a melhor forma de representar este fonema seria w, pois o alofone β se originou da passagem do proto-Jabutí *w para o Djeoromitxí /β/ [β], [w];

¹⁴ Adotamos a forma /ħ/ conforme fonemizada por M. Ribeiro (2008). Dados de nossa pesquisa de campo indicam apenas o alofone [h] para este fonema. Contudo, mais pesquisa deve ser feita para de fato sabermos se este fonema se realiza faringal ou glotal.

2.2 Vogais

PJb *a

/C_C

Mx <a>, <á> : Ar /a/ : Dj /a/

Ex.: 3, (19), (39), 45, 60, 63, (65), Ms. Paris

/C_#

Mx <a>, <á> : Ar /a/ : Dj /a/

Ex.: 11, (20), (39), 41, (42), 61, (70), Ms. Paris

Mx <a> : Ar /e/

Ex.: (81)

Mx <a> : Ar /ə/ : Dj /e/

Ex.: 83, (93)

PJb *ε

/C_#

Mx <e> : Ar /i/ : Dj /i/

Ex.: 29

Mx <e> : Dj /e/

Ex.: 58

/C_#

Mx <é> : Ar /e/, /ẽ/ (A2), /O/

Ex.: 21, 63, (72)

Mx <é>, <í> : Ar /e/ : Dj /e/

Ex.: 3, (22), 53

PJb *i

/C_

Mx <i> : Ar /i/ : Dj /i/

Ex.: 35

/C_C

Mx <i> : Ar /i/ : Dj /i/

Ex.: 11, 41, (51), 52, 66, (80), 93

Mx <i> : Ar /u/

Ex.: (20)

Mx <i> : Ar /e/ : Dj /i/

Ex.: 31

/C_#

Mx <i>, <í> : Ar /i/, /i/ (A2) : Dj /i/

Ex.: 23, 35, 60, 77

PJb *i

/#_#

Mx <iū> : Ar /i/ : Dj /i/

Ex.: 36

PJb *o

/C_C

Mx <o>, <ó>, <u> : Ar /o/ (A1), /u/ (A2) : Dj /o/, /u/

Ex.: 40, (42), 53, 63

Mx <o> : Ar /a/ (A1), /o/ (A2) : Dj /ø/

Ex.: 58

/_#

Mx <o>, <ū> : Ar /o/ (A1), /u/ (A2) : Dj /o/

Ex.: 8, (13), 27, 33, (55), 95,

/_#

Mx <o> : Ar /o/ (A1), /o/ (A2) : Dj /ø/

Ex.: 31, (80)

PJb *u

/C_C

Mx <u> : Ar /u/ : Dj /u/

Ex.: (22), 61, (81), 92

Mx <u> : Ar /u/ : Dj /i/

Ex.: 21

PJb *ə

/C_C

Mx <o> : Ar /ə/ : Dj /ə/

Ex.: (81), 92

/_#

Mx <ü> : Ar /ə/, /i/ : Dj /e/

Ex.: (2), 52, 66

Mx <ü> : Ar /i/ : Dj /ə/

Ex.: 90

PJb *á

/#_

Mx <a> : Ar /ẽ/ (A1), /ã/ (A2) : Dj /õ/¹⁵

¹⁵ Adotamos a forma /õ/conforme fonemizada por M. Ribeiro (2008). Dados de nosso trabalho de campo indicam apenas o alofone [õ] para este fonema. Contudo, mais pesquisa deve ser feita

Ex.: 3
/C_C [+ nasal]
Mx <am> : Ar /ẽ/ (A1), /a/ (A2)
Ex.: (80)
/C_C
Mx <a>, <á> : Ar /a/, /ə/ : Dj /õ/
Ex.: 29, 77, 85
Mx <ó> : Ar /a/ (A1), /ã/ (A2) : Dj /õ/
Ex.: 85

PJb *ẽ
/C_C
Mx <e> : Ar /e/ (A1), /ẽ/ (A2)
Ex.: (72)
/C [+ nasal] _
Mx <i> : Ar /ĩ/ (A1), /e/ (A2)
Ex.: (57)

PJb *ĩ
/C [+ nasal] _
Mx <i> : Ar /i/ (A1), /ĩ/ (A2) : Dj /ĩ/
Ex.: (19), 21, (22), 58, 92

PJb *õ
/C_C
Mx <o>, <un> : Ar /õ/
Ex.: (70)
/C [+ nasal] _#
Mx <a> : Ar /õ/
Ex.: 40, (65)

3 Modelo arbóreo da família Jabutí

Esboçamos um modelo arbóreo para a família Jabutí. Assumimos aqui que, devido, em parte, ao atual estado-da-arte dos estudos sobre essa família, um subagrupamento das línguas pertencentes a essa unidade genética é tentativo, pois, de acordo com os procedimentos do Método Histórico-Comparativo: a) o único critério para subagrupar línguas geneticamente

para sabermos ao certo se esse fonema se realiza aberto ou fechado.

relacionadas são as inovações compartilhadas; b) essas inovações devem ser fonológicas, morfológicas e sintáticas; c) o sucesso de uma proposta de subagrupamento depende diretamente da acuracidade da reconstrução da língua ancestral comum às línguas em foco na subdivisão (CAMPBELL, 2013, p. 175-183; ANTILLA, 1972, p. 300-304).

No caso da família Jabutí, não há como saber quais inovações são compartilhadas em termos morfossintáticos, visto que o Maxubi está extinto. A possibilidade de comparação é apenas entre o Arikapú e o Djeoromitxi, embora possamos contar apenas com esboços de gramáticas e dicionários dessas duas línguas.

Decidimos, entretanto, apresentar uma proposta de representação arbórea da família Jabutí com base na comparação fonológico-lexical que empreendemos neste trabalho.

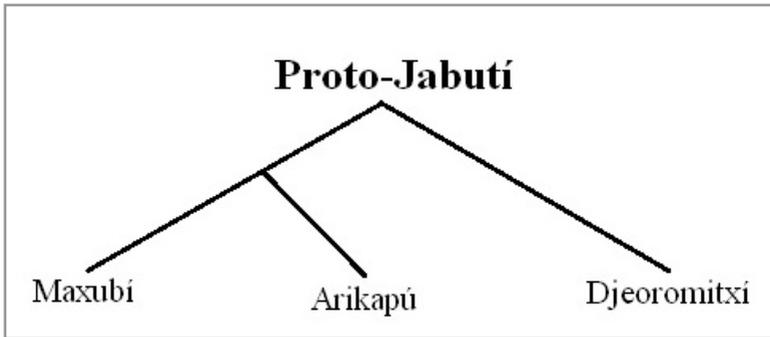


Imagem 01 - Representação arbórea da família Jabutí

Algumas conclusões

Por meio da comparação fonológico-lexical que realizamos neste trabalho, apresentamos evidências que fortalecem a hipótese de que o Maxubi é uma terceira língua da família Jabutí. Reforçamos, assim, a hipótese de Loukotka (1963; 1968), de que a família Jabutí é constituída por três línguas – Djeoromitxi, Arikapú e Maxubi.

Os dados apresentados mostram que o Maxubi é geneticamente mais próximo do Arikapú que do Djeoromitxi e que o Maxubi é bastante conservador no nível fonológico, assim como o Arikapú. Chamamos também a atenção para empréstimos Tupí-Mondé e Tuparí em Maxubi.

Referências

AIKHENVALD, A. Y.; DIXON, R.M. W. (org.). **The Amazonian languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

ANTILLA, R. **An introduction to historical and comparative linguistics**. Nova York: The Macmillan Company, 1972.

CABRAL, A. S. A. C.; OLIVEIRA, G. B. V. **A questão do Jabutí, do Chiquitano e do Guató no tronco Macro-Jê**. (em preparação).

CAMPBELL, L. R. **American Indian Languages: The Historical Linguistics of Native America**. New York: Oxford University Press, 1997.

_____. **Historical linguistics: an introduction**. 3. ed. Cambridge: The MIT Press, 2013.

CASPAR, Franz. (1955a). A expedição de P.H. Fawcett à tribo dos Maxubi em 1914. In: XXXI Congresso Internacional de Americanistas, São Paulo, 1995. **Anais**. São Paulo, p. 113-120.

FAWCETT, P. H. Bolivian Exploration, 1913-1914. **The Geographical Journal**, Londres, v. 15, p. 219-228, 1915.

_____. **Exploration Fawcett**. London: Hutchinson, 1953.

KAUFMAN, T. Language history in South America: What we know and how to know more. In: PAYNE, D (org.). **Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages**. Austin: University of Texas Press, 1990, p. 13-73.

_____. The native languages of South America. In: MOSELEY, C; ASHER R. E. (org.). **Atlas of the world's languages**. London: Routledge, 1994, p. 46-76

LOUKOTKA, C. Klassifikation der südamerikanischen Sprachen. In: **Zeitschrift für Ethnologie**, n. 74: p. 1-69, 1942.

_____. La parenté des langues du bassin de la Madeira. In: **Lingua Posnaniensis**, n. 2: p. 123-144, 1950.

_____. Documents et vocabulaires inédites de langues et de dialectes sud-américains. **Journal de la Société des Americanistes**, Paris, n. 52, p. 7-60, 1963.

_____. **Classification of South American Indian Languages.** Los Angeles: Latin American Center, University of California, 1968.

MEILLET, A. **The Comparative Method in Historical Linguistics.** Paris: Librairie Honoré Champion, 1967.

RIBEIRO, E. R. Macro-Jê. In: Keith Brown. (Org.). **Encyclopedia of Language & Linguistics.** Oxford: Elsevier, 2006, v. 7, p. 422-426.

RIBEIRO, M. A. **Dicionário Djeoromitxi-Português:** Registro da diversidade lingüística do povo Jabuti. 2008. 156. f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Letras e Pedagogia, Unir, Guajará-Mirim.

RIBEIRO, R M. d. L. **Dicionário Arikapu/Português: Registro de uma língua indígena amazônica.** 2008. 209. f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Letras e Pedagogia, Unir, Guajará-Mirim.

RIVET, P. Langues Americaines. In: MEILLET, A.; COHEN, M. **Les Langues du Monde (Collection Linguistique, 16).** Paris: Sociéte de linguistique de Paris, 1924, p. 597-712

_____. La langue Mašubi. **Journal de la Sociéte des Américanistes,** Paris, t. 52, p. 119–126, 1953.

TOVAR, A.; TOVAR, C. L. **Catálogo de las lenguas de América del Sur.** 9. ed. Madrid: Editorial Gredos, 1984.

VOORT, H. v. d..Proto-Jabutí: um primeiro passo na reconstrução da língua ancestral dos Arikapú e Djeoromitxi. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas** v. 2, p. 133-168, 2007.

_____. Whatever happened to Mashubi? Taking a new look at Fawcett s vocabulary. **Cadernos de Etnolingüística,** v. 4, p. 1-20, 2012.

VOORT, H. v. d.; ARIKAPÚ, M.; ARIKAPÚ, N.; ALVES, A. C. F. **Vocabulário Arikapú-Português.** Cadernos de Etnolingüística, Série Monografias. 1. ed. Etnolingüística, v. 1. 70 p, 2010.

Mais evidências para a hipótese de Loukotka (1963, 1968)
Gabriel Barros Viana de Oliveira
Ana Suelly Arruda Câmara Cabral
Recebido em 08/06/2015
Aprovado em 12/09/2015